

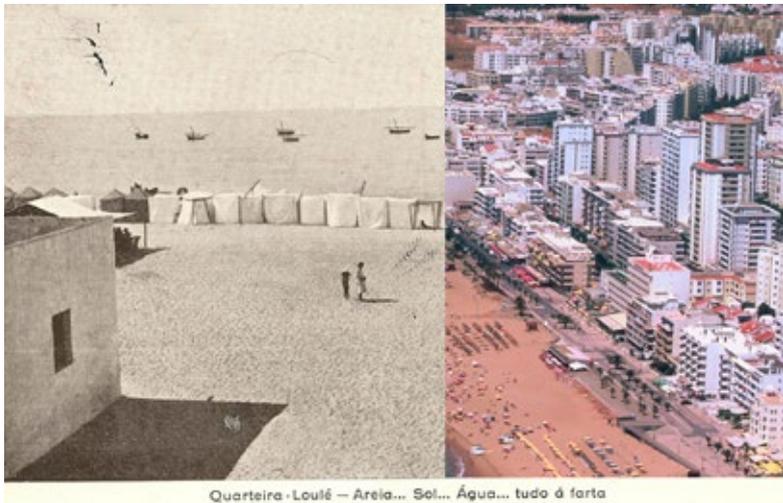
DANÇA
26, 27 MAIO 2017

PÃO RICO

de Vera Mantero

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Conceção e interpretação Vera Mantero **Fotografias e vídeo** Hugo Coelho e Vera Mantero
Assistência Tiago Barbosa **Desenho de luz** Hugo Coelho – Aldeia da Luz **Operação de luz** Hugo Coelho
ou Rui Alves **Créditos fotográficos** Filipe Farinha/Stills **Residência artística** DeVIR/CAPa
Coprodução DeVIR/CAPa e Fundação Caixa Geral de Depósitos – Culturgest
Produção O Rumo do Fumo **Agradecimentos** Alexandra Gonçalves, Antonieta Rita, Daniel Neagoe,
Flávio Rita, Gabriel Almeida, Hélder Rita, João dos Santos, Luís Romão, Margarida Santos,
Nuno Graça, Tiago Barbosa

O Rumo do Fumo é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/
Direção-Geral das Artes

Este projeto é uma encomenda dos Encontros do DeVIR, da DeVIR/CAPa,
e estreou a 29 de abril de 2017 no Cineteatro Louletano, Loulé.

Sex 26, sáb 27 de maio

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração aprox. 45 min · M12

A serra agora está deserta. O pessoal amontou-se todo no litoral.

Serra vazia, litoral inchado.

Num ápice (30 anos? 40 anos?),
Quarteira: de aldeia de pescadores pobres a “referenciado centro de turismo”.

Os pescadores venderam a areia e assim nasceram as vivendas e depois os pequenos arranha-céus. Dinheiro e areia, areia e dinheiro.

Em Quarteira os prédios são todos muito mais altos do que os prédios do bairro onde moro em Lisboa.

Para chegar a Quarteira passo pelo campo de golfe, pelo *outlet* de golfe e pelos altos escorregas do parque aquático, de onde se lança a população em chamas.

Saio de Quarteira a pé, pelo Passeio das Dunas, e em 15 minutos chego à loja do Cristiano Ronaldo na Marina de Vilamoura.

Pão Rico: Vale de Lobo e Vilamoura. Quarteira é o recheio de uma sanduiche, a sanduiche dos €10 milhões.

Por aqui já aconteceu há muito a invasão da marabunta.

Quando chega o Verão há que sair de casa e há que ir para sul. É obrigatório ir. Para quem pode. Resgatar a felicidade recalçada durante onze meses de trabalho. Ir. Libertar o corpo no gozo solar do Algarve. O sul em Portugal é o Algarve. Faro. Quarteira. Vilamoura. Albufeira. Toda a costa algarvia. Enterrar os pés nas areias brancas e molhar a pele nêvea na água. Pôr os óculos escuros e experimentar a sensação de viver. O bronze a entrar. A pele a queimar. Começaram

as férias. Pode-se levar o tempo que for preciso a espalhar creme. O primeiro dia na praia não tem fim. O mar, pelo menos, não tem. E é lá no mar alto, no meio daquele vazio todo, que é o *Mar da Pesca*, onde navegam as traineiras. “A vida da pesca é a mais bonita do mundo”, disse-me um pescador de Quarteira. Os prédios ao longo da praia, sobretudo os mais altos, ajudam a situar as rochas no fundo do mar, onde os peixes se juntam e se lançam as redes. Algumas ficaram conhecidas pela sua profundidade em braçadas, como a pedra de 26 ou a de 12 e meio. Outras pelas formas que sugerem, como o Chapéu Mexicano ou o Chouriço. E há as que são baptizadas com o nome de quem as descobriu, como o rodão Zé Diogo ou o Joaquim Tomás.

O Algarve tem uma população de 450 mil habitantes durante o Inverno que sobe para dois milhões no Verão. Mesmo assim deixa ainda por ocupar edificado que chegaria para mais um milhão de pessoas. É um espectáculo de edifícios que nunca mais acaba. Vilamoura é um desses espectáculos, assim como Vale de Lobo. Os hotéis e os aldeamentos, circundados de relvados e dispostos à volta de piscinas, oferecem o ambiente, o conforto, a sinalética e a segurança do autêntico Algarve de brochura. A piscina é o lugar agregador da comunidade exclusiva de turistas que habitam estas aldeias de acesso reservado. Assim como os múltiplos campos de golf, com a natureza da sua relva aparada a perder de vista. Do lado de fora, não longe, está a praia. Vilamoura e Vale de Lobo são o Algarve dos sonhos

do turista. Ao lado, Quarteira. A antiga aldeia piscatória que entre 84 e 99 ascendeu a vila e ganhou depois o título de cidade. Com Torremolinos no espírito, cresceu principalmente em altura na frente de mar, aliás como tantas outras cidades à beira mar por esse mundo fora. Quarteira talvez desiluda quem vem em busca do Algarve ideal. Falta-lhe qualquer coisa. Tem demasiados prédios, demasiado altos. O betão opõe resistência. Quarteira também é uma cidade real, como aquela em que o turista vive, e de que fugiu para ir de férias. As férias não se passam em casa. Ou se calhar também.

Esta peça foi feita a convite da DeVIR/CAPa, em Faro, e parte de duas residências em Quarteira e do material de conversas, entrevistas e documentação que fui reunindo. É necessariamente um espectáculo de ideias feitas, o estudo não substitui a vivência e a minha situação ainda é a de uma turista. Sobe a palco uma veraneante a braços com a invenção do tempo de férias. Entre parafernália de golfe e os seus protocolos, redes de pesca e bolas de praia gigantes, procuro sobreviver às febres que o sol provoca, socorrendo-me das vozes truncadas do Ramalho Ortigão, da Sophia de Mello Breyner, do que encontrar entretanto e da minha que me resta. Este é um espectáculo em construção. E em desastre.

Vera Mantero
(texto escrito de acordo com
a antiga ortografia)

Após uma primeira edição dos “encontros do DeVIR”, realizada em 2012 pela DeVIR/CAPa, para a qual Vera Mantero criou *Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional*, que refletia sobre a desertificação nesta zona montanhosa, foi novamente convidada para a terceira edição destes Encontros, que continuam a debruçar-se sobre temáticas e problemáticas do Algarve, desta vez sobre a descaracterização do litoral algarvio.



© Filipe Farinha

Vera Mantero

Vera Mantero estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989. Tornou-se um dos nomes centrais da Nova Dança Portuguesa, tendo iniciado a sua carreira coreográfica em 1987 e mostrado o seu trabalho por toda a Europa, Argentina, Brasil, Canadá, Coreia do Sul, EUA e Singapura.

Dos seus trabalhos destacam-se os solos *Talvez ela pudesse dançar primeiro e pensar depois* (1991), *Olímpia* (1993), *uma misteriosa Coisa, disse o e.e.cummings* (1996), encomenda da Culturgest para o ciclo de homenagem a Josephine Baker, *O que podemos dizer do Pierre* (2011), *Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional* (2012) e *Salário Máximo* (2014), e as peças de grupo *Sob* (1993), *Para Enfastiadas e Profundas Tristezas* (1994), *Poesia e Selvajaria* (1998), *k⁽⁹⁾ su 'pɔrtɐ i s⁽⁹⁾ 'parɐ i kô 'tɛj uf dojʃ mu 'duf i ð 'dulɐ* (2002) e *Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza* (2006).

Em 2013 e 2014 criou as instalações performativas *Oferecem-se Sombras e Mais Pra Menos Que Pra Mais* (em duas versões: em ocupação da plateia e proscénio da Culturgest em 2013, e em hortas urbanas criadas para a apresentação final do projeto em 2014, esta última numa parceria entre a Culturgest e o Maria Matos Teatro Municipal, no âmbito do projeto *Create to Connect*, financiado pela Comissão Europeia). Estes projetos, bem como *O Limpo e o Sujo*, estreado no Teatro Maria Matos

em Abril de 2016, no âmbito do ciclo “As Três Ecologias”, que Vera Mantero comissariou com Mark Deputter e Liliana Coutinho, posicionam-se de forma clara relativamente a temas e preocupações fulcrais da atualidade: questões de sustentabilidade ambiental e económica, de coesão social e inclusão, de Cidadania.

O seu trabalho artístico tem sido amplamente reconhecido, com prémios institucionais como o Prémio Almada do Ministério da Cultura (2002) ou o Prémio Gulbenkian Arte pela sua carreira como criadora e intérprete (2009), ou através de iniciativas como a apresentação de uma retrospectiva do seu trabalho, organizada pela Culturgest em 1999, intitulada *Mês de Março, Mês de Vera* ou a representação portuguesa na 26.ª Bienal de São Paulo, em 2004, com *Comer o Coração*, uma obra criada em parceria com o escultor Rui Chafes. O influente jornal brasileiro O Globo elegeram *Os Serrenhos do Caldeirão, exercícios em antropologia ficcional* como uma das 10 melhores peças de dança apresentadas em 2014.

Integra, desde 2014, o elenco da versão portuguesa de *Quizoola!*, de Tim Etchells/Forced Entertainment, ao lado de Jorge Andrade e Pedro Penim. Foi convidada por Boris Charmatz para integrar *20 Dancers for the XX Century*, um arquivo vivo dos solos coreográficos mais representativos do século XX, que teve lugar na Tate Modern (Londres) e na Opera de Paris/Palais Garnier (Paris) em 2015, no Tanzkongress na Staatsoper (Hannover) e no Museo Reina Sofia (Madrid), em 2016, e no qual participa

com alguns dos seus solos dos anos 90. Colabora regularmente em projetos internacionais de improvisação, ao lado de improvisadores e coreógrafos como Lisa Nelson, Mark Tompkins, Meg Stuart e Steve Paxton.

Desde 2000 dedica-se também ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental.

Lecciona regularmente composição e improvisação, em Portugal e no estrangeiro.

“Para mim a dança não é um dado adquirido, acredito que quanto menos o adquirir mais próxima estarei dela, uso a dança e o trabalho performativo para perceber aquilo que necessito de perceber, vejo cada vez menos sentido num performer especializado (um bailarino ou um ator ou um cantor ou um músico) e cada vez mais sentido num performer especializado total, vejo a vida como um fenómeno terrivelmente rico e complicado e o trabalho como uma luta contínua contra o empobrecimento do espírito, o meu e o dos outros, luta que considero essencial neste ponto da história”.

Vera Mantero

Hugo Coelho

Hugo Coelho nasceu em 1979, em Lisboa. Fez o Curso de Audiovisuais na Escola Secundária António Arroio. Frequentou o Curso de Cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema. Participou como operador de câmara e som nos filmes *A guerra dos três reis*

e *Autografia* realizados por Miguel Gonçalves Mendes. Trabalhou como editor de vídeo nos estúdios da Nova Imagem.

É Sócio Gerente da empresa Aldeia da Luz, Lda. desde 2004.

Em Teatro, fez desenho e operação de luz para espetáculos com a direção de Ana Brito e Cunha, André Teodósio, Ávila Costa, Lianne Bruce, Maria João Luís, Mickael Oliveira e Patrícia Carreira. Na dança, fez desenhos de luz para espetáculos de Cláudia Dias, Francisco Camacho, José Laginha e Vera Mantero. Na música fez desenho e operação de luz para artistas como A Caruma, Carlos Bica, Carminho, Fingertips, Gabriel o Pensador, Jaques Morelenbaum, João Paulo Esteves da Silva, Jorge Drexler, Jorge Palma, Klaxons, Klepht, Maria Alice, Maria João e Mário Laginha, Marta Hugon, Mazgani, Nouvelle Vague, Pedro Abrunhosa, Rosa Cedrón, Samuel Úria e Sérgio Godinho. Atualmente, trabalha com mais regularidade com Carminho (onde desempenha também a função de Tour Manager), Jorge Palma, Samuel Úria e Vera Mantero. Faz a direção técnica do festival Encontros do DeVIR desde a primeira edição em 2012.

Tiago Barbosa

Tiago Barbosa nasceu em 1970, em Lisboa. É licenciado em Teatro, ramo atores/encenadores pela ESTC. Trabalhou como ator e performer, em espetáculos de teatro e dança, sob a direção de Miguel Castro Caldas, Gustavo Ciriaco, Nuno Gil, Jorge

Andrade e Miguel Pereira, Ainhoa Vidal, Paula Sá Nogueira, Maria Gil, Dinarte Branco e Tiago Nogueira, Martim Pedroso, Mónica Calle, Bernard Sobel, Lúcia Sigalho, Miguel Loureiro, Francisco Alves, João Lourenço, Rita Natálio, Joclécio Azevedo, Vítor Hugo Pontes, Inês Jacques, António Pires, Catalina Buzoianu, Jorge Silva Melo, Adelino Tavares, Paulo Lages, Renata Portas, Marcos Barbosa e Edward Fão, entre outros. Na televisão, participou pontualmente em séries e telenovelas. Trabalhou em cinema com realizadores como Sandro Aguilar, Francisco Manso, Manuel Pradal, entre outros. Participou no projeto de arte e neurociência *Raízes da Curiosidade*. Encenou o espetáculo *A Grande Sombra Loira*, a partir de sonetos de Florbela Espanca.

O Rumo do Fumo

O Rumo do Fumo foi fundado em 1999 por Vera Mantero e apoiado desde então pelo Ministério da Cultura. É uma estrutura de criação, produção, difusão nacional e internacional, investigação, formação e mais recentemente programação, na área da dança contemporânea, que se posiciona num território artístico de carácter experimental e de pesquisa. Território que é também de alargamento do campo da própria dança e dos seus horizontes, caracterizando-se pela transversalidade das disciplinas artísticas onde se cruzam a dança, a música, o teatro, a literatura/poesia, as artes plásticas e o cinema. Desde 2000 é responsável pela produção dos trabalhos de diversos artistas com o objetivo

de criar os meios necessários ao desenvolvimento e consolidação das suas carreiras, assegurando-lhes uma maior continuidade no trabalho e facilitando possibilidades de circulação nacional e internacional.

Entre 2000 e 2002, O Rumo do Fumo apoiou no seu total dez artistas, nomeadamente André Guedes, João Samões, Margarida Mestre, Mário Afonso, Miguel Pereira, Paula Castro, Paulo Henrique, Rafael Alvarez, Teresa Prima e Vera Mantero. A partir de 2002, a acumulação de trabalho, agravada pelo aumento das atividades de Vera Mantero e Miguel Pereira, impediu o acompanhamento dos artistas de forma eficaz desviando a estrutura do seu objetivo. Perante esta situação, a partir de 2004 o apoio concentrou-se em quatro artistas (André Guedes, João Samões, Miguel Pereira e Vera Mantero), o que permitiu delinear uma estratégia mais eficaz de produção, divulgação e difusão dos seus trabalhos.

Os artistas apoiados atualmente são os coreógrafos Miguel Pereira e Vera Mantero. O artista plástico André Guedes continua ligado à estrutura, mas contando com um apoio mais pontual. O coreógrafo João Samões deixa a estrutura em Junho de 2008 e no mesmo ano O Rumo do Fumo começa a apoiar projetos pontuais de artistas emergentes, quer através do apoio à produção executiva, como é o caso de Rita Natálio, Elizabete Francisca ou Matthieu Ehrlacher, quer através dos vários programas de apoio a novos criadores com programas de ensino e residências artísticas.

Em Setembro de 2008 O Rumo do Fumo e o Fórum Dança unem-se para criar o EDIFÍCIO na LX Factory, sendo que a partir de então a estrutura dispõe, pela primeira vez desde a sua criação, de um estúdio próprio. Este projeto representa um novo formato de colaboração no âmbito da comunidade da dança portuguesa, potenciador de novas dinâmicas de trabalho, e já acolheu, desde a sua fundação, 96 projetos de criação e pesquisa, apresentações informais, conferências, seminários, *workshops*, o lançamento de publicações e eventos vários. A sinergia criada entre estas duas estruturas de produção tem vindo a consolidar-se no tempo, atualizando forças e valências com um novo espaço de trabalho desde 2014: O Espaço da Penha. Contam com a integração de vários estúdios assim como de outras estruturas artísticas, promovendo um *cluster* que se constrói e avança unido num novo e consistente polo de trabalho.

Desde 2003, O Rumo do Fumo é membro cofundador da REDE – Associação de Estruturas para a Dança Contemporânea.

www.orumodofumo.com

DeVIR/CAPa

DeVIR/CAPa surgiu em 1994 com a criação do “a sul” Festival Internacional de Dança Contemporânea, a que se seguiu em 2001 a inauguração do CAPa, Centro de Artes Performativas do Algarve (Faro), uma estrutura transdisciplinar sediada no centro do Faro, cuja atividade nuclear é o

Programa de Residências de Criação. Paralelamente este Centro desenvolve um conjunto de atividades complementares ao Programa de Residências de Criação, direcionadas para a criação/formação de públicos: Temporadas de Programação de Espetáculos, ciclos de formação, programação em rede a nível regional e nacional e outros projetos dirigidos à comunidade, como é o caso do Festival “encontros do DeVIR” (1.ª edição 2012 – 2.ª edição 2016) e do projeto “encontros do DeVIR – júnior” (2014-2015). O CAPa é uma casa para muitos, onde se vive temporariamente de um modo artificial, em absoluta dedicação a cada criação que ali se desenvolve.

Os encontros do DeVIR são um encontro de muitos, de partilha e de confronto de ideias. Este festival temático quer continuar a pensar o território, numa lógica de continuidade e resiliência, aliando o social ao cultural, o ecológico, o científico e político ao artístico. Queremos continuar a delinear um futuro que aproveite as potencialidades do território (Serra/Litoral) e potencie as singularidades das comunidades, numa perspetiva de complementaridade. Foi neste contexto que surgiram *Os Serrenhos do Caldeirão*, *exercícios em antropologia ficcional* e que na 3.ª edição se apresenta *Pão Rico*.

www.devir-capa.com

www.encontrosdodevir.com

Próximo espetáculo

Mutirão

© Catherine Boutaud



Performance / Instalação / Ar Livre

Sáb 3, 10, 17, 24 de junho, 1 de julho

Jardim Norte · 16h · Dur. 1h · Todos os públicos

Explorando a dança e a arquitetura, *Mutirão* desenrola-se num jardim, onde construímos e desmanchamos uma casa-cena com os resíduos da instituição que nos acolhe. Com um envolvimento artístico, coletivo e afetivo, trazemos à tona a urgência de construir em conjunto: com o que se tem, com o que se pode, com quem está.

Próximo espetáculo de dança

Ressaca

de David Marques
Estreia

© Ágata Xavier



Dança Sex 23, sáb 24 de junho

Palco do Grande Auditório · 21h30 · Duração aproximada: 1h · M12

Ressaca, de David Marques em colaboração com Madeleine Fournier, Mathieu Jedrazak, Johann Nöhles e Teresa Silva. Em *Ressaca* a música é um vento que cria forças de pressão e fricção que perturbam o equilíbrio da superfície dos corpos.

Conselho de Administração**Presidente**

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores**Dança**

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Tiago Cruz (estagiário)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições**Coordenação de Produção**

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do
Cego nº50, 1000-300 Lisboa
21 790 51 55 · www.culturgest.pt